

## A INTERDISCIPLINARIDADE NA CRISE ATUAL DAS CIÊNCIAS\*

Flávio B. Siebeneichler\* \*

### 1. CONSTATAÇÕES PRÉVIAS

Julgo que uma reflexão séria sobre a interdisciplinaridade nos nossos dias impõe de saída algumas constatações que podem ser confirmadas por pensadores, intelectuais, filósofos e cientistas das mais diferentes áreas do saber.

Primeira constatação: o saber humano cresce. O homem conquista cada vez mais o espaço e o tempo através da ciência e da técnica. O seu poder de intervenção na natureza inanimada e na natureza viva parece não conhecer limites.

Segunda constatação: o saber do homem se fragmenta. Ou seja: de um lado os meios de investigação científica, os métodos diversificam-se. De outro lado, o conhecimento do mundo divide-se em setores cada vez mais especializados de objetos estudados. A principal consequência resultante deste processo pode ser detectada na multiplicação de disciplinas científicas nas universidades e centros de pesquisa. Estas disciplinas multiplicadas fragmentam-se, por sua vez, e se subdividem em numerosas especialidades e subespecialidades.

Um exemplo desta fragmentação é dado pela psicologia, que hoje se encontra dividida em diferentes especiali-

dades: psicologia social, psicologia da criança, psicanálise, psicolingüística, psicopatologia, psicologia das relações do trabalho, psicologia educacional, etc.

Ora, o que vale para a psicologia e as demais ciências humanas vale também para as ciências da vida e as ciências da matéria, onde os progressos da observação e da experiência deslocam constantemente o campo de pesquisa, enriquecendo-o. Podemos citar aqui como exemplo as ciências biológicas, que se subdividem em fisiologia, sociobiologia, bioenergética, psicobiologia, genética e outras, bem como as ciências físicas e químicas, que se estruturam através de diferentes subespecialidades: geofísica, biofísica, física dos líquidos, física dos sólidos, física teórica, física aplicada, química fina, etc.

Os exemplos fornecidos sugerem a conclusão de que no âmbito da ciência e da pesquisa tudo é extremamente móvel, fragmentável.

Terceira constatação: quanto mais uma disciplina ou especialidade se "afina", se delimita e se fragmenta, tanto mais ela omite o questionamento, a discussão das fronteiras dentro das quais ela se situa.

Quarta constatação: cresce atualmente a consciência da necessidade de pesquisas interdisciplinares, a

\* Comunicação apresentada no 1º Ciclo de Epistemologia da UNIJUÍ, Ijuí - RS, 1985.

\*\* Professor da UFRJ

qual procura reagir à fragmentação. As razões apresentadas a favor desta necessidade podem ser sintetizadas em três pontos principais:

Primeiro argumento: é preciso superar os limites estreitos experimentados no interior das disciplinas especializadas. O único caminho racional que se apresenta neste sentido é o da suspeita crítica, ou seja, a discussão racional sobre o alcance dos limites que os especialistas se auto-impõem.

Segundo argumento: é necessário avivar um desejo humanista, porque somente este poderia unir novamente o saber humano fragmentado. Se não for atingida esta síntese, a atual dinâmica de especialização culminará, ou numa "desnaturalização da natureza", ou numa "desumanização do homem" (G. Gusdorf).

Terceiro argumento: o terceiro argumento a favor da interdisciplinaridade configura-se sobre o medo diante da ameaça de autodestruição do homem e do planeta terra, coisa perfeitamente viável pela ciência e a técnica contemporâneas (H. Jonas).

Quinta constatação: apesar dos inúmeros argumentos a seu favor, a interdisciplinaridade ainda não existe de fato. Ela simplesmente está presente no desejo de alguns cientistas e de alguns filósofos "visionários", que por isso mesmo muitas vezes são marginalizados por seus colegas. H. Japiassú nos lembra que "não podemos alimentar ilusões: ainda está por ser construída uma teoria da interdisciplinaridade" (*Interdisciplinaridade e patologia do saber*, p. 81).

Parece, portanto, que a tão desejada síntese interdisciplinar continua sendo algo inacessível, enquanto que a proliferação e a fragmentação das disciplinas científicas seguem seu ritmo incontrolável!

Sexta constatação: convém lembrar, finalmente, um paradoxo, a saber, que os centros interdisciplinares ou com declarada vocação interdisciplinar trabalham, na maioria das vezes, isoladamente, como laboratórios especializados!

## 2. A INTERDISCIPLINARIDADE, UMA IDÉIA E UMA EXIGÊNCIA QUE SE COLOCA CADA VEZ COM MAIOR INSISTÊNCIA

Seja como for, parece que a partir da década de 1960 a idéia de interdisciplinaridade começa a tomar forma entre os diferentes projetos epistemológicos. É interessante examinar mais de perto esta idéia.

### 2.1. TERMINOLOGIA

Se consultarmos os textos publicados a partir desta época, descobriremos que a terminologia é abundante e rica, mas nem sempre clara e precisa. Os termos que aparecem com maior frequência podem ser reunidos em dois grupos, cada um apoiado em dois conceitos básicos. De um lado, os conceitos de multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. De outro, os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Para os fins desta comunicação e para a orientação dos debates sub-

seqüentes importa, no meu entender, salientar e definir descritivamente dois conceitos principais:

### 2.1.1. A PLURIDISCIPLINARIDADE OU MULTIDISCIPLINARIDADE

Ela consiste basicamente na associação entre disciplinas que concorrem a uma realização comum, sem que elas se integrem, porém, num todo mais amplo e sintético, ligado à cultura e ao meio social. Na perspectiva pluridisciplinar são colocadas em cena várias disciplinas, com o objetivo específico de estudar um mesmo tema sob ângulos variados e distintos.

A abordagem pluridisciplinar acontece geralmente nos congressos, simpósios e semelhantes. Assim, num congresso sobre o aborto, por exemplo, geralmente é convidado um especialista em medicina, outro em psicologia, em sociologia, em demografia, em moral, em direito, em política, etc. Eventualmente é convidado um filósofo. Cada um dá o seu recado em meio à indiferença simpática dos demais. Mas não se tenta construir uma síntese orgânica entre os pontos de vista dispersos. No final publicam-se as comunicações. Mas de interdisciplinar só resta mesmo o título! Este exemplo ilustra bem o fato de que a reflexão na perspectiva pluridisciplinar procura esclarecer um mesmo objeto ou assunto sob diversos ângulos, mas não procura integrá-los entre si. Poderíamos dizer que se trata aqui de uma "interdisciplinaridade por justaposição" ou por adição. E mesmo que se chegasse a uma eventual unidade entre as exposições pluridisciplinares, esta seria apenas estratégica.

Resumindo tudo: a pluridisciplinaridade contenta-se em percorrer as diferentes disciplinas que abordam um mesmo objeto material.

### 2.1.2. A INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade, que ainda não existe propriamente (Japiassú), procura descobrir e/ou estabelecer conexões e correspondências entre as disciplinas científicas, isto é, entre os diferentes níveis de descrição da realidade. Tal empreendimento seguiu até agora três caminhos principais, a saber:

– A determinação daquilo que as diferentes disciplinas científicas possuem em comum, a partir de níveis de integração superiores, ou mais profundos.

– A unificação ou síntese dos conhecimentos científicos.

– A construção de uma linguagem interdisciplinar, dotada de enunciados precisos, aptos a criar um consenso geral entre os cientistas.

Agora, se tomarmos as informações até aqui apresentadas no seu todo, podemos configurar uma noção de interdisciplinaridade, provisória, é verdade, mas mesmo assim apta a servir como hipótese de trabalho: a interdisciplinaridade não constitui simplesmente um resultado já assente. Ela é, antes de tudo, uma perspectiva e uma exigência que se coloca num determinado tipo de processo. Ela tem a ver, basicamente, com a procura de um equilíbrio entre a análise fragmentada e a síntese simplificadora; entre especialização e saber geral; entre o saber especializado do cientista e o saber do filósofo.

A perspectiva interdisciplinar está orientada para dois objetivos principais: um objetivo a longo prazo, que consiste em superar a fragmentação e buscar a mediação entre a filosofia e as óncias em benefício da vida humana em geral; e um objetivo a médio prazo, ou seja, tentar romper as barreiras levantadas contra esta mediação.

Uma vez de posse de um conceito de interdisciplinaridade capaz de orientar o fio de nosso trabalho, mesmo que num nível provisório, mister se faz agora considerar mais de perto os diferentes caminhos pelos quais o homem tentou chegar até esse ideal de trabalho e de pesquisa científica.

Nosso percurso restringir-se-á a dois caminhos principais, que se revelarão antagônicos em alguns aspectos. Refiro-me aos projetos epistemológicos de G. Gusdorf e de J. Habermas. Antes, porém, convém acenar para alguns dos mais importantes precursores da moderna interdisciplinaridade.

### 3.1. PRECURSORES DA INTERDISCIPLINARIDADE

Na história da epistemologia podemos encontrar muitas tentativas de estabelecer um espírito interdisciplinar. Entre estas convém citar especialmente as seguintes: o ideal clássico da *enklikios paideia*, o qual se perpetua, um milênio depois, na concepção de um saber unitário e universal da universidade medieval. Aqui abre-se um espaço para o desenvolvimento autônomo das assim chamadas "liturgias acadêmicas".

Convém lembrar também o grande místico e pedagogo tcheco, Comenius, que em pleno século XVII delinea o programa de uma "pan-sofia" ou sabedoria universal, em condições de fazer o homem re-encontrar a ordem e o encadeamento, "*concatenatio*", dos diferentes conhecimentos singulares.

Leibniz, físico, geólogo, filólogo, matemático, metafísico, historiador e homem político, é outro nome do final do século XVII que deve ser lembrado pela decidida e peculiar perspectiva interdisciplinar que soube imprimir ao seu trabalho. Fez propaganda em favor da unificação do saber humano através de uma linguagem racional precisa: a da matemática.

No século XX as questões interdisciplinares são recolocadas com maior freqüência e intensidade devido, principalmente, a obstáculos que se vão contrapondo a ela. Refiro-me aos novos contextos de fragmentação do saber que podemos detectar na civilização ocidental atual.

A partir do ano de mil e novecentos surgem muitos projetos interdisciplinares destinados a superar a situação de fragmentação. Dentre eles convém salientar:

- 1 – O novo enciclopedismo da Escola de Viena que segue o protótipo epistemológico da lógica (Carnap: a construção lógica do mundo), da matemática e da física.
- 2 – A interdisciplinaridade da Escola de Frankfurt, que se configura através do caminho ético de uma teoria crítica da sociedade, apoiada num juízo existencial.

- 3 – A interdisciplinaridade pela via de uma teoria geral dos sistemas. L. von Bertalanffy desenvolve a noção de sistema, que é uma das mais amplas e gerais que possuímos. O sistema constitui, segundo ele, um substrato racional comum a uma grande variedade de fenômenos, podendo abrir o caminho para um enfoque unificado e sintético de diferentes disciplinas.
- 4 – A interdisciplinaridade através da estruturação de um pensamento metódico: Paul Lorenzen.
- 5 – A interdisciplinaridade como aplicação de um método estruturalista genético: Jean Piaget.

Como já foi dito mais acima, o presente trabalho ater-se-á a dois projetos interdisciplinares, tidos como os mais significativos dos dias de hoje: os de G. Gusdorf e J. Habermas. O fato de se apresentarem baseados em premissas distintas traz como vantagem a possibilidade de se discutir de modo mais amplo e diferenciado a questão da interdisciplinaridade.

### 3.2. A INTERDISCIPLINARIDADE SEGUNDO G. GUSDORF

O nome de G. Gusdorf é um dos mais citados nos textos em que se trata explicitamente da interdisciplinaridade. Este resultado é devido principalmente às suas pesquisas interdisciplinares, realizadas ao longo de vários anos no Centro de Ciências Humanas de Strasbourg e que se condensaram nos grossos volumes de sua obra "*Introduction aux sciences humaines*", bem como em artigos de enciclopédias da atualidade.

Para nós, interessa salientar apenas os pontos básicos que dão consistência ao seu projeto interdisciplinar.

E o primeiro a transparecer é a atitude decidida em prol de uma racionalidade traçada em dimensões mais amplas do que as da matemática, englobando não somente o rigor e a exatidão científica, mas também as significações do mundo vivido, que superam o âmbito do fraccionável e do mensurável.

Por isso, ele se opõe inicialmente ao enciclopedismo do Círculo de Viena, o qual consegue, no seu entender, constituir realmente um universo de discurso unitário, mas somente ao preço da renúncia a todas as significações vividas, características do espaço vital existencial. Tal visão interdisciplinar não é admissível, segundo ele, porque celebra apenas os triunfos da inteligibilidade lógico-matemática, que é sempre vazia. Ou seja: o universo aberto pelo tratamento matemático simplesmente é evacuado de tudo aquilo que pode dar um sentido às vidas reais dos seres humanos (Cf. G. Gusdorf, *Encyclopaedia Universalis France*, p. 1089).

#### 3.2.1. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PERSPECTIVA DE SUPERAÇÃO DAS PATOLOGIAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Para Gusdorf a interdisciplinaridade tem de ser vista como um postulado, como uma exigência, que se impõe face à constatada dispersão e fragmentação das ciências e especialidades do conhecimento moderno, ou seja, face àquilo que ele caracteriza

como sendo a patologia do saber atual e que se traduz em diferentes manifestações:

- 1 – Anarquia intelectual, canceriforme.
- 2 – Obscurantismo pernicioso que olvida o fato de que o homem é o ponto de partida e de chegada de todas as formas de conhecimento.
- 3 – Perda do equilíbrio indispensável à manutenção da vida, que traz como conseqüência a desnaturalização da natureza e a desumanização do homem.
- 4 – O risco de destruição do planeta terra através do triunfo da inteligência técnica.
- 5 – Envenenamento e perversão do meio-ambiente.
- 6 – Morte do homem e nihilismo suicida.

Segundo Gusdorf, a exigência interdisciplinar deve ser mantida, mesmo diante destas patologias, que ele julga serem provenientes de três ordens de obstáculos:

- 1 – Obstáculos epistemológicos, resultantes da subdivisão constante dos conhecimentos.
- 2 – Obstáculos institucionais, provenientes da separação administrativa que isola as instituições de ensino e pesquisa em centros ou departamentos estanques que vão paulatinamente se esclerosando.
- 3 – Obstáculos psico-sociológicos, que são explicados da seguinte maneira: a divisão do espaço intelectual em compartimentos cada vez mais restritos faz com que o especialista, uma vez estabelecido, dê curso livre à sua "vontade de pro-

der". Sob o pretexto de divisão de trabalho, cada um procura defender suas posições e sua carreira contra os "inimigos de fora" e os "rivais de dentro".

Em suma, o regime do saber fragmentado possibilita o estabelecimento de "tirantias do magistério", uma vez que o subtrai ao controle e à confrontação com o saber geral, interdisciplinar.

Face a estes obstáculos, Gusdorf propõe um "saber geral", o qual estaria em condições de controlar e orientar os diferentes saberes particulares. Esse "saber geral" nada mais seria do que uma "ciência humana", capaz de lembrar e reagrupar as diferentes ciências em torno daquilo que constitui o "humano".

### 3.2.2. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO "SABER GERAL" OU "EPISTEMOLOGIA DA CONVERGÊNCIA"

Esta proposta de Gusdorf apóia-se no argumento de que todas as atividades científicas têm como objeto, em última instância, o homem. As ciências humanas têm no homem seu objeto explícito. As ciências da natureza têm como ponto de aplicação última a análise do lugar onde o homem se encontra situado.

Podemos afirmar, pois, que a interdisciplinaridade de G. Gusdorf constitui uma epistemologia da complementaridade destinada à re-leitura dos dados humanos que se encontram fragmentados e esparsos nos diferentes discursos e linguagens científicas e

tecnológicas hodiernas. Ela seria uma espécie de "metafísica moderna", ou idioma universal, unitário, que forneceria aos especialistas os meios de comunicação.

Ou ainda, como Gusdorf prefere chamá-la, ela seria uma teoria dos "conjuntos humanos", que respeitaria as peculiaridades de cada disciplina e de cada atividade humana em seu respectivo contexto sócio-cultural. Numa palavra, ela nada mais seria do que "antropologia cultural", destinada a elaborar uma verdade "com rosto humano" (*a priori* humano).

### 3.2.3. CONDIÇÃO BÁSICA PARA SE CHEGAR À INTERDISCIPLINARIDADE DA CONVERGÊNCIA

É interessante notar que Gusdorf pressupõe uma verdadeira conversão interdisciplinar, de cunho ético. Vale a pena sublinhar alguns pontos centrais desta conversão:

Em primeiro lugar, ela é considerada uma reação decidida contra a força de inércia que leva cada disciplina a se desfazer preliminarmente da unidade fundamental.

É vista, a seguir, como acolhimento do sentido interdisciplinar, presente no interior de cada ciência.

Ela é também a vigilância, por parte do sábio especialista, com relação à manutenção do contato entre disciplinas vizinhas e distantes.

Finalmente, ela aparece como sendo a inversão do sentido da marcha da fragmentação, pois propõe-se a dar

um destaque aos elementos gerais e comuns das ciências, não aos pequenos limites.

O projeto interdisciplinar de G. Gusdorf atrai, à primeira vista, a atenção do estudioso em geral pela sua feição nitidamente humanista. Mas parece não ter grandes chances de uma realização concreta.

A razão desta dificuldade deve ser buscada, no meu entender, no evidente pessimismo de Gusdorf com relação às possibilidades oferecidas pelas ciências, bem como na supremacia que ele atribui à filosofia, que aparece ainda como exercendo função de tribunal sobre toda a cultura e ciência: ela deve ensinar à ciência e à técnica a interdisciplinaridade. Claro está que tal modelo, que deprecia dualisticamente a razão técnica em relação a uma razão humanista, não teve repercussão no campo das especialidades científicas. Além disso, ele fornece apenas um modelo formal e não histórico.

O projeto de interdisciplinaridade de Gusdorf convoca a uma cruzada contra a razão técnica e instrumental, contra a especialização, que assume feições totalitárias. Mas, no final, o próprio pensamento de Gusdorf assume feições totalitárias. (Cf. G. Gusdorf. *A agonia da nossa civilização*).

Apoiando-se numa interpretação dualista, negativa, da racionalidade da modernidade, exige uma conversão epistemológica dualista: o cientista e o especialista têm de sair de seu estado pecaminoso e converter-se, reformando suas estruturas mentais e entrando para um horizonte metaepistemológico, delineado *a priori* pelo filósofo.

Gusdorf não consegue, a meu ver, a mediação hermenêutica, o retorno do geral para o particular, a volta e a valorização de cada uma das especialidades. A interdisciplinaridade continua sendo vista como um empreendimento filosófico, destinado unicamente ao círculo fechado dos filósofos preocupados com as ciências!

Impõe-se atualmente, é convicção minha, a busca de um outro caminho interdisciplinar, que possibilite a mediação através da cooperação consensual, não somente entre filósofos de um mesmo matiz, mas entre filósofos e cientistas, e sem que o discurso interdisciplinar seja monopolizado por nenhuma destas classes de intelectuais.

Ora, entre os caminhos propostos atualmente, um especialmente parece ter maiores chances de sucesso neste empreendimento. É o que se estrutura em torno de uma teoria geral da racionalidade humana. Vários são os pensadores que trabalham neste sentido, mesmo seguindo pistas diferentes: Hilary Putnam (*Realism and Reason*), Stephen Toulmin (*Human Understanding*), Jean Piaget e, principalmente, Jürgen Habermas.

O trabalho interdisciplinar de J. Habermas destaca-se neste contexto pelas perspectivas de mediação que oferece.

### 3.3. A INTERDISCIPLINARIDADE NO INTERIOR DE UM PROJETO DE TEORIA GERAL DA RACIONALIDADE HUMANA: O PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE J. HABERMAS

A interdisciplinaridade pelo caminho de uma teoria da racionalidade tem

inicialmente a seu favor dois argumentos:

Primeiro argumento: a racionalidade tornou-se o campo preferido das pesquisas, tanto na área da filosofia, como na das ciências em geral. Deste modo, é menor o risco de se cair através desta via no pessimismo ou no dualismo.

Segundo argumento: o conceito de racionalidade é um dos poucos que estão aptos a condensar e aglutinar as características básicas de nossa época.

J. Habermas parte da seguinte constatação básica: o conceito de racionalidade, em uso atualmente, é estreitado e reduzido exclusivamente às suas dimensões cognitivo-instrumentais. São afastados os elementos ético-normativos e estético-subjetivos do mundo da vida cultural. Estes são como que enterrados e recobertos de entulho pelo sistema da sociedade capitalista moderna.

Esta constatação tinha sido também, até certo ponto, a de G. Gusdorf, apresentado mais acima. Onde está, pois, a diferença entre ambos?

A diferença não está tanto na constatação e na análise do problema inicial, mas na solução proposta para este problema.

Habermas sublinha que, para sair deste estado de coisas e desenterrar as outras dimensões da racionalidade, não basta o trabalho do pensamento filosófico, nem tampouco o das teorias científicas regionais. Impõe-se um trabalho interdisciplinar que depende do esforço geral. A filosofia e as ciências sociais têm apenas o privilégio de en-



cetar o trabalho de remoção dos escombros que encobrem as dimensões da racionalidade, nada mais.

Ou seja: elas podem dar uma contribuição decisiva para que seja posto em movimento "o jogo entre o mundo cognitivo-instrumental, moral-prático e estético-expressivo, que foi silenciado na práxis alienada" do mundo capitalista contemporâneo, dominado pela racionalidade do sistema. Mas não podem ter nenhuma pretensão de primazia ou de monopólio do trabalho interdisciplinar.

Ora, tal perspectiva interdisciplinar pressupõe nada mais nada menos do que um conceito novo de filosofia e de interdisciplinaridade.

### 3.3.1. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO TRABALHO HERMENÊUTICO-COOPERATIVO

O caminho para este trabalho cooperativo e interdisciplinar é construído sobre o conceito filosófico de "razão comunicativa". Trata-se de uma filosofia que expõe os resultados de seu trabalho a controles diretos, conduzida pela peculiar consciência falibilista de que a teoria da racionalidade não pode ser obtida através da meditação solitária, monológica, do filósofo ou do cientista. Ela somente pode ser construída sobre uma coerência discursiva entre teorias distintas, as quais passam a ser tratadas como fragmentos teóricos de um complexo interdisciplinar mais amplo.

Neste contexto a filosofia não pode mais ter a pretensão de ser o único "tribunal da razão", como queria Kant, ou de ser o juiz sobre toda a produção

científica. Não é mais ela que dita a verdade. Habermas atribui-lhe um papel mais modesto, mas não menos eficaz: ela é o lugar-tenente (Platzhalter) da racionalidade. Ela passa a ser o intérprete hermenêutico, interessado em resgatar os fragmentos de racionalidade contidos nas ciências, ou seja, as pretensões de unidade e de universalidade que nelas se manifestam.

E mais ainda: ela tem como tarefa detectar e interpretar os pontos onde as esferas da ciência, da moral, do direito e da arte comunicam entre si. Como justificar esta função? Habermas responde que em cada uma destas esferas, que são vistas como fragmentos da cultura, existem dois tipos de processos: processos de diferenciação, que seguem um caminho independente em relação à filosofia, mas também processos de integração, que se desenvolvem sempre sob o primado de um determinado aspecto de validade dominante. À filosofia compete captar e interpretar tais processos.

Habermas apresenta o exemplo das pesquisas feitas no campo das ciências sociais, as quais trabalham com questões de verdade. Ao mesmo tempo, porém, põem em evidência pontos de vista da crítica moral e estética, sem prejudicar o primado das questões referentes à verdade. Outro exemplo pode ser visto na discussão sobre a ética. Quem se dispõe a entrar nesta discussão descobre que não é possível tratar das grandes questões da moral sem referir-se à esfera cognitiva e à expressiva ou estética.

Podemos também tomar como

exemplo a própria filosofia, pois ela elabora reconstruções teóricas que, devido à sua pretensão de universalidade e ao seu caráter hipotético, podem e devem ser submetidas posteriormente a controles empíricos. As teorias empíricas podem servir-se, por seu turno, destas reconstruções filosóficas para explicar outros fenômenos sociais, culturais, psicológicos, políticos, etc. Os trabalhos de G.H. Mead, M. Weber, E. Durkheim, J. Piaget e Kohlberg são apresentados como modelos deste tipo de teoria, que une o método da reconstrução conceitual filosófica à pesquisa empírica propriamente dita.

A interdisciplinaridade hermenêutica de Habermas, que transforma a filosofia no canal de uma teoria ampla da racionalidade, revela-nos, pois, dois pontos importantes:

Em primeiro lugar, colocada num nível de cooperação racional entre projetos científicos distintos, a questão da interdisciplinaridade aparece como mais promissora do que o projeto de G. Gusdorf, apoiado em bases dualistas.

Em segundo lugar, convém ressaltar o fecundo clima de crítica recíproca que é estabelecido em todos os níveis do trabalho científico, capaz de tirar do marasmo e da estagnação tanto a filosofia como as ciências.